

---

## O Sujeito na Quebrada do Samba

Janaína de Moraes Kaecke

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/905>

DOI: 10.4000/pontourbe.905

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

ISBN: 1981-3341

**Refêrencia eletrónica**

Janaína de Moraes Kaecke, « O Sujeito na Quebrada do Samba », *Ponto Urbe* [Online], 13 | 2013, posto online no dia 31 dezembro 2013, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/905> ; DOI : 10.4000/pontourbe.905

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

---

# *O Sujeito na Quebrada do Samba*

Janaína de Moraes Kaecke

---

## AUTHOR'S NOTE

Este artigo foi realizado com o financiamento da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

## Há samba nas periferias de São Paulo

- 1 O samba tem sua origem e prática vinculadaS aos grupos sociais populares, tanto nos tempos e lugares rurais, em que o samba rural compunha uma vida marcada pelos ritmos da produção agrícola e das viagens comerciais, quanto na sua incorporação pela vida urbana. Ainda que instrumentos musicais, organização espacial de músicos e a própria sonoridade tenha sido alterada com a transformação geográfica do samba rural ao urbano, continua-se tratando de um fenômeno eminentemente popular no que diz respeito à sua criação e transformação.
- 2 A periferização da RMSP (Região Metropolitana de São Paulo), intensa nas décadas de 1970 e 1980, altera a territorialização da pobreza urbana, ao mesmo tempo em que a intensifica. A pobreza, antes concentrada nos rincões rurais ou nos centros urbanos degradados, passa a se apresentar em larga escala em territórios espalhados e carentes de infra-estrutura urbana básica. A década de 1980 foi marcada por intensos movimentos urbanos nas periferias paulistanas, que reivindicavam direitos sociais elementares, como transporte público, escolas, postos de saúde, além da própria segurança habitacional, ainda que, muitas vezes, isso não viesse acompanhado do título de propriedade da residência. As conquistas obtidas por tais movimentos sociais, junto com outros outros elementos da urbanização, como as políticas públicas e a própria reestruturação urbana, fazem com que as periferias metropolitanas cheguem ao século XXI com transformações geográficas importantes.

- 3 Nos bairros periféricos consolidados, a precariedade vista nos primeiros loteamentos não é mais a mesma, de forma que a estrutura urbana básica está colocada, seja pela ação do poder público, seja pela comunitária. Isso não significa condições de igualdade com lugares valorizados da cidade, já que ainda que serviços e objetos urbanos existam, eles são diferentes dos existentes nos lugares valorizados da cidade. O central é percebermos que a periferia do início do século XXI não apresenta a mesma precariedade de décadas atrás, da mesma forma como a homogeneidade econômica verificada nos primeiros loteamentos também não existe mais. Nesse contexto, algumas famílias conseguiram algum tipo de acumulação de dinheiro, podendo investir na própria casa, em formação profissional e em bens, como o automóvel, cuja consequência é o aumento da heterogeneidade social e econômica dos bairros periféricos.
- 4 O samba, que continua vinculado aos grupos populares, terá expressão nas periferias de São Paulo, onde surgem os chamados “movimentos de samba”, nas décadas de 1990 e 2000. Localizados em bairros ou municípios periféricos da RMSP<sup>1</sup> (Região Metropolitana de São Paulo), os movimentos de samba são caracterizados por representarem transformações na musicalidade do samba e por estabelecerem fortes vínculos comunitários nos lugares em que estão inseridos<sup>2</sup>. Seu surgimento representa a institucionalização do samba nos lugares em que acontecem, com a criação de um nome e de símbolos e a fixação de lugares de referência, tornando-se um ator social. Atualmente, mais de 15 grupos de samba articulam esse circuito na RMSP<sup>3</sup>, estabelecendo vínculos e solidariedades entre si na produção do samba em São Paulo. Dentre os discursos proferidos pelos movimentos de samba, está a resistência cultural, a valorização do chamado “samba de raiz” e a transformação social das comunidades a qual estão vinculados.
- 5 Dentre os diversos movimentos de samba, temos o Pagode da 27, que é o fio condutor de nossas reflexões nesse artigo. O Pagode da 27 surge de um grupo de amigos que reunia-se semanalmente para tocar samba pelas ruas e bares do Parque Grajaú<sup>4</sup> e, em 2005, decidem organizar suas atividades e criar o grupo de samba. Com isso, fixam a rua Manoel Guilherme dos Reis, no Parque Grajaú, como o lugar de realização de suas rodas de samba e passam a estabelecer relações sociais enquanto um ator social. O fato de muitos integrantes do Pagode da 27 morarem nessa rua foi o elemento decisivo para a escolha do lugar em que seriam feitas as rodas de samba. O nome do grupo reforça a vinculação com o lugar. Antes que a rua Manoel Guilherme dos Reis fosse nomeada e regularizada, ela era conhecida como “rua 27”, o que fundamenta a escolha do nome do grupo.
- 6 Através das atividades em campo, delimitamos a *quebrada* do Pagode da 27 e os variados atores que nela atuam. Nossa análise tem como foco os atores sociais com os quais o Pagode da 27 está em estreito vínculo cotidiano no Parque Grajaú, com destaque para o Ceprocig, uma entidade não-governamental que atua junto com as crianças carentes da vizinhança; o PCC (Primeiro Comando da Capital), organização macro escalar que organiza as atividades ilícitas na quebrada; e os frequentadores anônimos das rodas de samba do Pagode da 27.
- 7 Nossa reflexão também fará uso das categorias de pedaço e de circuito, que nos auxiliarão a pensar de forma qualitativa as diferentes relações e escalas nas quais esses atores sociais também estão inseridos. Tais atores sociais estão em relação entre si através da quebrada, mas igualmente estão imersos em outras formas de contato e de troca social, seja através de círculos de afinidade mais amplos, seja em seus pedaços, marcados pela proximidade e pela afetividade<sup>5</sup>. A questão da escala de relações sociais e o pressuposto da totalidade

(MAGNANI, 2002:19) estão aqui presentes como elementos da análise. Os circuitos nos quais nossos atores estão envolvidos são supra locais, mas suas ações são locais e constroem uma dada sociabilidade. Se fizéssemos uma metáfora geométrica, seria como se cada ator social estivesse enredado em uma trama ampla e complexa. Teríamos assim um tecido constituído de diversas malhas, e nosso foco nesse artigo é apenas um nódulo nesse tecido.

- 8 Percorreremos um caminho trilhado a partir de uma perspectiva existencial, pensando as condições do ser na pós-modernidade, entre seu processo de subjetivação das experiências e de projeção no mundo pelas ações. Nos interessa compreender os novos vínculos identitários no mundo contemporâneo em uma análise que contemple o sujeito, mas também as condições materiais que modulam o capitalismo tardio. Acreditamos que a análise do Pagode da 27 a partir de sua quebrada é um recurso para compreendermos as diferentes formas de sociabilidade que estão sendo desenhadas nos dias de hoje, por pessoas que apresentam uma lacuna entre seu estoque simbólico e a realidade objetiva na qual satisfazem suas necessidades vitais.
- 9 As práticas e os discursos que balizam os movimentos de samba podem ser compreendidos através da chave da pós-modernidade, que tem como duas de suas características a valorização de manifestações artísticas populares e a ascensão de novas identidades comunitárias, alicerçadas nas experiências qualitativamente distintas proporcionada pela vida nas grandes cidades capitalistas. Se até algumas décadas atrás o samba era colocado como O representante da música brasileira, o que vemos hoje é um discurso que assume a fragmentação social, de forma que os movimentos de samba não se pretendem representantes de ninguém e deixam claro que a vinculação que possuem é com seu lugar de origem. A compreensão do período abarca o entendimento simultâneo de como se dá a produção social da sobrevivência na contemporaneidade e a constituição do ser a partir das experiências possibilitadas nesse mundo. O estudo do Pagode da 27 é, então, um atalho para pensarmos as novas identidades e as novas formas de sociabilidades estabelecidas no mundo atual.
- 10 Ainda que existam diferentes perspectivas teóricas sobre a pós-modernidade<sup>6</sup>, é certo que se trata de um período relacionado com a Modernidade e que tem na lógica urbano industrial as bases materiais para sua constituição. A compreensão da vida social contemporânea nos impõe o apontamento de como a Modernidade e a urbanização alteraram a condição humana. Com a ascensão do capitalismo industrial, a cidade e o urbano massificam-se e, na passagem dos modos de vidas tradicionais ao moderno, não apenas as geografias do mundo são alteradas, como a própria determinação do humano. A cidade é condição de sobrevivência para seus habitantes, e a divisão do trabalho e a dependência da coletividade são constituintes da vida e do homem cidadãos. Por concentrar tais características, a experiência do sujeito na cidade é qualitativamente distinta da ocorrida em outras formas de assentamento.
- 11 A Modernidade tinha como carro-chefe o projeto Iluminista, cujo objetivo era emancipar a humanidade das trevas, a partir da construção de uma ciência objetiva e de leis universais que julgassem a moral e a arte. Ainda que a Modernidade tenha tido diferentes estágios (HARVEY, 1992; BERMAN, 1986) entre a Primavera dos Povos e o final da década de 1960, é com o alto modernismo que os pós-modernistas farão seu diálogo e sua crítica. David Harvey (1992:42) coloca que, com o final das guerras mundiais, em 1945, existe um casamento entre o projeto Iluminista, o Estado e os valores sociais hegemônicos. Tem-se assim o fortalecimento das verdades únicas e absolutas, e das tentativas de controle social

a partir do planejamento e do fortalecimento do Estado Nacional. Com a pós-modernidade, diferentes formas de representação de mundo passam a ser valorizadas; e a fragmentação e a impermanência, combatidas na alta modernidade, são vistas como positivities do mundo contemporâneo, tendo como um de seus fenômenos a quebra da fronteira entre as manifestações artísticas elitizadas e as populares.

- 12 A modernidade e a difusão industrial alteraram o ritmo de vida das pessoas, dando origem a um cotidiano vivido em um tempo abstrato, pautado pela cronologia da produção industrial. A indústria desvincula a produção social da sobrevivência dos ritmos da natureza e impõe um tempo mecânico à vida banal. Assim, a primeira fragmentação do ser – *moderna* – ocorre entre a produção da própria sobrevivência, centrada numa lógica político-econômica hegemônica, e o conjunto de crenças e de valores herdados de tempos passados. Com isso, a modernidade é marcada pela autonomização da subjetividade humana em relação à objetividade. A segunda fragmentação do ser – *pós-moderna* – ocorre no cerne da própria subjetividade, que será cindida em três esferas autônomas de valor: a ciência, a moral e a estética. Sob o ponto de vista do sujeito, a pós-modernidade é definida pela fragmentação da subjetividade humana.
- 13 De acordo com o existencialismo sartreano, a essência humana é definida a partir do conjunto de suas experiências. Mas a experiência urbana contemporânea dá-se a partir dos objetos materiais da globalização, cuja origem e processos formativos desconhecemos, e pela temporalidade abstrata. O sujeito perde o sentido de localização, que lhe permite perceber os vínculos sociais e territoriais estabelecidos na criação do seu meio ambiente circundante e, por consequência, as determinações sobre seu próprio processo de subjetivação. Assim, a constituição humana não está mais perfeitamente encaixada nos lugares onde cada pessoa vive e parece ser possível a existência de diferentes sujeitos que tenham estoques simbólicos muito semelhantes em diferentes partes do planeta.
- 14 O processo conhecido como explosão cultural pós-moderna é marcado pela contradição entre a homogeneização e a fragmentação social. Se as referências tradicionais, que norteavam a sociabilidade rural ou pré-moderna, são diluídas na cidade contemporânea, simultaneamente emergem novas formas de identidades, como as de gênero, etnia, formas de lazer, busca de direitos pela cidadania, etc. Se a cidade da qual falamos não responde às necessidades existenciais humanas, por ter sido criada por determinações distantes e pautadas em uma lógica hegemônica, simultânea e contraditoriamente, ela possibilita a alteridade, o contato com o Outro, oferecendo novas formas de identidade e de satisfação. A compreensão das identidades pós-modernas passa por considerarmos o homem pós-moderno enquanto particularidade. Por um lado, não podemos reduzir o humano a uma série de determinações hegemônicas, caindo em uma análise estruturalista que retira qualquer possibilidade de autonomia do sujeito. Por outro, a constituição das referências subjetivas de cada um dá-se a partir da totalidade de suas experiências, as escolhidas e também as impostas, da onde concluímos que a autonomia individual existe, mas não é absoluta. Assim, cada pessoa tem um controle limitado do próprio estoque simbólico, a partir das escolhas feitas dentre um leque de possibilidades.
- 15 As informações observadas e obtidas em campo, através da etnografia, não são meros reflexos das determinações estruturais do capital, ao mesmo tempo em que a redução da escala e a valorização da experiência não significa desconsiderar as contradições do capitalismo tardio. Antes, o cotidiano dos atores sociais sobre os quais pensaremos expressa um conjunto de escolhas humanas sobre a própria sociabilidade e a forma como

diferentes processos multiescalares são absorvidos pelo sujeito. Tal como colocou Jamenson (1996), nosso desafio é olhar para a realidade pós-moderna como se ela fosse o que de mais sublime e de mais terrível o homem já foi capaz de criar.

## A quebrada do Pagode da 27

- 16 Georg Simmel (2005) aponta regularidades sobre a subjetividade e a vida social nas grandes cidades que consideramos válidas para pensar o Pagode da 27. Segundo tal autor (SIMMEL, 2005, p.587), existe uma contração entre uma vida social homogenizada pelas condições impostas na cidade e, simultaneamente, um processo de individualização mais intenso, causado pela necessidade humana de destacar-se da massa de pessoas. Temos colocada a questão entre a fragmentação e a massificação na cidade grande. O Pagode da 27, enredado com os demais movimentos de samba, forma um circuito que possui uma série de códigos e de práticas<sup>7</sup> que lhes confere algumas particularidades. Mas, ao mesmo tempo, cada pessoa envolvida nos movimentos de samba está imersa em um processo de massificação através de seu cotidiano, de forma que a biografia de cada um de seus membros é banal. Aqueles sujeitos perdem-se na multidão do anonimato quando não representam o Pagode da 27.
- 17 A possibilidade de diferenciação do sujeito, a partir da fragmentação, vincula-se com a atitude de reserva existente na grande cidade (SIMMEL, 2005, p.583), na qual cada um pode priorizar o contato superior somente com as pessoas e com os grupos que lhes interessa. Dessa maneira, os vínculos estabelecidos entre os que pertencem ao Pagode da 27 são mais intensos e afetivos se comparados às relações amplas com outros atores sociais do Parque Grajaú ou aos vínculos profissionais comumente exercidos. Igualmente, nas reuniões fechadas do Ceprocig, é nítida a escolha daquelas mulheres em pôr-se em contato qualitativamente diferenciado na âmbito interno e em colocar-se numa posição de reserva quanto aos demais atores sociais com os quais está vinculada, como as ONGs financiadoras ou o próprio Pagode da 27.
- 18 Por estar inserido em diferentes contextos, o Pagode da 27 possui uma série de vínculos com outros atores sociais, formando uma rede de atuação em diferentes escalas. Considerando o circuito dos movimentos de samba, existe uma troca intensa entre eles, o que cria uma rede de relações em diferentes pontos da RMSP. É comum que os grupos visitem as rodas de samba dos colegas, tocando junto durante toda a apresentação. Outra prática frequente é que um movimento de samba apadrinhe um mais novo<sup>8</sup>.
- 19 A nível local, são duas as esferas de atuação do Pagode da 27 e as analisaremos a partir do pedaço e da quebrada. A esfera de atuação local, restrita ao Pagode da 27 e às rodas de samba dominicais, serão pensadas a partir da categoria de pedaço. Tal como colocado por Magnani (2002), o pedaço não deixa dúvidas entre quem participa dele e que está fora. Ele é constituído por uma série de códigos de reconhecimento e de pertencimento, que indicam a proximidade familiar ou de amizade duradoura entre seus membros. Ainda que as rodas de samba do Pagode da 27 possam ser vistas por todos, o pertencimento ao pedaço é restrito a alguns. Inicialmente, os membros da roda de samba, formada por integrantes que se conhecem desde a infância, chegando a ter irmãos na roda. Além disso, o Careca, dono do bar que oferece a estrutura para a realização das rodas de samba e amigo de longo tempo, também pertence ao pedaço. Em seu início, o Pagode da 27 era feito em outro ponto da rua Manoel Guilherme dos Reis, em frente ao antigo bar do

Careca. Quando este comprou o imóvel em que está seu atual bar, o pedaço migrou para esse novo lugar.

- 20 As ações locais amplas, que envolvem outros atores sociais do Parque Grajaú, como o Ceprocig ou o PCC, serão tratadas a partir da quebrada, que retrata a ambiguidade das relações vistas em campo, representando um sinal de distinção, mas também o estigma da marginalidade. A pertinência da quebrada como categoria dessa esfera de ação deve-se ao fato de que os seus próprios integrantes usam essa palavra (“quebrada”) para designar aquela área na qual estabelecem relações mais amplas com os demais atores sociais. Assim, a quebrada do Pagode da 27 é formada pelos sambistas; pelo Ceprocig e suas crianças; pelo PCC e seus meninos/trabalhadores; pelo Conselho Tutelar; pelos órgãos estatais de assistência social (escolas e postos de saúde); e também pelos frequentadores anônimos das rodas de samba. Enfim, por todos os atores que compartilham da marginalidade social ali presente e que possuem vínculos de cooperação e de disputa entre si, a depender das condições postas.
- 21 Conforme posto, parte dos atores sociais pertencentes à quebrada, o fazem anonimamente. São pessoas que frequentam regularmente as rodas de samba, fazendo daquele momento sobretudo um espaço de lazer, mas também uma possibilidade de compartilhar as condições de vida às quais estão submetidos. O caminho para essa participação “avulsa”, desvinculada de grupos ou de atores sociais institucionalizados, é através do consumo, não apenas das tradicionais mercadorias, mas sobretudo o consumo de elementos simbólicos. Na pós-modernidade, a cultura ganha autonomia frente as demais esferas da vida, mas, paradoxalmente, é o elemento agregador das identidades pós-modernas. E o acesso à cultura, e à sua dimensão existencial, ocorre através do consumo de produtos culturais, que são carregados de simbologia e que funcionam como atalhos para uma determinada forma de sociabilidade. Dessa forma, consumo cultural está relacionado com a satisfação de necessidades que ultrapassam o pragmatismo da sobrevivência ou de algum conforto específico.
- 22 Ainda que continue parte fundamental do ciclo do capital, Néstor García Canclini (2001) coloca que o consumo na pós-modernidade aparece como possibilidade e como instrumento para afirmar identidades. Se no Estado Nacional moderno, a ideia norteadora das reivindicações sociais era a cidadania, calcada na igualdade entre as pessoas; o que ocorre nesse novo período é a valorização das diferenças, e o consumo aparece como o meio para essa afirmação. É tal valor subjetivo que faz com que a escolha de produtos culturais não seja aleatória, mas sim determinada por uma seleção de bens escolhidos por serem publicamente valiosos de acordo com a forma de sociabilidade escolhida (GARCÍA-CANCLINI, 2001, p.45). O indivíduo publiciza seus vínculos identitários e simbólicos, que (fragilmente) respondem às suas necessidades existenciais, através da escolha de determinados produtos.
- 23 A subjetividade humana é construída a partir da interiorização do conjunto de experiências de uma pessoa, que são ações localizadas, empíricas, corpóreas. Nessa perspectiva, a materialidade do meio onde as pessoas estão colocadas exerce um papel de cognição do mundo. Ao narrarmos a base material na qual ocorrem os vínculos do Pagode da 27, não estamos fazendo uma mera descrição da paisagem, mas contextualizando o leitor com uma parte importante das referências objetivas a partir das quais aquelas pessoas conformaram a própria subjetividade. Ainda que o objetivo desse artigo seja pensar o Pagode da 27 a partir de sua quebrada, o seu enquadramento nos movimentos de samba ocorre por sua inserção em um movimento artístico mais abrangente, no qual

diversos grupos compartilham do fato de que sua gênese e permanência dialogam com os novos conteúdos periféricos em São Paulo. Dessa forma, a existência dos movimentos de samba está inserida em um determinado momento da urbanização metropolitana, com consequências na formação de suas periferias.

- 24 A inserção do Grajaú na urbanização metropolitana de São Paulo dá-se de tal forma que, desde o início de seus loteamentos, na década de 1970, até o presente momento, cresceram o número de moradores e a área urbanizada, sem que a oferta de lazer e de espaços destinados à cultura acompanhasse esse incremento<sup>9</sup>. As únicas instalações coletivas ali presentes são aquelas que funcionam como prolongamento da casa, tais quais escolas e unidades de saúde. Por essa razão, quando o Pagode da 27 nasce, ele cumpre uma demanda efetiva por lazer, que não era suprida de forma organizada, mas apenas individualmente e em momentos esporádicos.
- 25 A referência territorial do Pagode da 27 é a rua Manoel Guilherme dos Reis, no Parque Grajaú, a poucas quadras da principal avenida do Grajaú, a Belmira Marin. Ainda que se trate de um lugar simples, estatísticas do IBGE apontam para a grande heterogeneidade socioeconômica presente na quebrada do Pagode da 27<sup>10</sup>. Essas disparidades no modo de vida também estão presentes na paisagem, de forma que encontramos desde barracos de madeira construídos à beira dos córregos que correm para a represa Billings, até casas grandes, unifamiliares e confortáveis, havendo também terrenos compartilhados entre três ou mais famílias. Somam-se a esse mosaico residencial as vielas, que são ruas ilegais e bastante estreitas, fazendo com que três pessoas não consigam caminhar lado a lado. Existem casas geminadas nos dois lados da viela, sem haver nenhum recuo entre a porta e a rua, a viela. Normalmente, elas ligam perpendicularmente duas ruas paralelas ou formam uma espécie de rua não-oficial no meio de duas ruas paralelas. As vielas estão encrustadas no Parque Grajaú, não havendo uma área delimitada para sua concentração.
- 26 As rodas de samba do Pagode da 27 acontecem no meio da rua, em frente ao bar do Careca, formando com ele um único ambiente. O bar fornece toda a estrutura para a realização das rodas, como banheiros gratuitos para músicos e para frequentadores, energia elétrica (iluminação, instrumentos e aparatos musicais), cerveja e refrigerante gratuitos para os membros do Pagode da 27 e o suporte para a fixação da lona que protege a roda de samba. Além disso, o bar também vende cerveja e refrigerante para os frequentadores da roda de samba.
- 27 No que diz respeito à vida social no Parque Grajaú, a questão da circulação e do comércio foram destacadas em nossas atividades em campo, tendo ocorrido duas transformações importantes para o cotidiano dos moradores desde o início dos anos de 1990 até o presente. A primeira delas foi uma “pacificação” das ruas da quebrada no período mencionado, que facilitou a inserção daqueles moradores em algumas esferas de consumo. Segundo os relatos ouvidos, até meados da década de 1990, assaltos, tiroteios, invasões de casas e outros eventos violentos eram recorrentes, a ponto de motoristas de táxi e caminhões de entrega de lojas varejistas se recusarem a circular pelas suas ruas. No mesmo período, surgiram no Parque Grajaú diversos pontos de atividades ilícitas, com destaque para o tráfico de drogas. As biqueiras, como são chamados os locais de venda de drogas, estão encrustadas nas ruas e vielas da quebrada, em uma relação que oscila entre a cooperação, a tensão e o controle com os demais atores e moradores. Ainda que a palavra “pacificação” tenha sido ouvida em campo, a consideramos bastante eufemística para o processo verificado. O mais coerente seria pensarmos em uma diminuição dos conflitos levados a cabo causada justamente pela exacerbação do poder em poucas mãos

ou concentrados em um grupo organizado, o PCC. Assim, a tensão social continua sendo um elemento presente na vida social do Parque Grajaú, de maneira que a sociabilidade de seus moradores, tanto no próprio bairro, como com o restante da cidade, é em alguma medida condicionada pelas relações de poder vigentes. A segurança para a circulação nas ruas do bairro, por exemplo, atende a determinados interesses do crime organizado, seja para permitir o acesso de compradores de droga, seja para manter a polícia distante, mas é o poder hegemônico quem determina se tal situação continuará sendo oportuna num segundo momento.

- 28 O contato próximo com outros atores sociais nos permitiu ter acesso à rede de relações que estruturam a quebrada na qual se insere o Pagode da 27. Para além da quebrada, cada um dos atores sociais com os quais o Pagode da 27 estabelece vínculos possui uma rede própria de relações e de sociabilidade que ultrapassa nosso recorte analítico. Como já colocado, o Pagode da 27 está plenamente inserido na rede dos movimentos de samba articulada na RMSP. Igualmente, o Ceprocig possui uma rede de relações que ultrapassa a quebrada, estrando enredado em uma complexa articulação entre movimentos sociais, órgãos públicos (serviços de saúde, educação, assistência social e Conselho Tutelar), políticos do legislativo municipal e estadual, ONGs filantrópicas nacionais e internacionais e setores de responsabilidade social de grandes empresas nacionais. Também os agentes do crime organizado possuem esferas de ação em escalas mais amplas e com poderes mais elevados. A quebrada, assim, aparece como um ponto sobre o qual diferentes redes se sobrepõem. O Pagode da 27 tem como atividade principal a realização semanal de suas rodas de samba.
- 29 Dentre aqueles que as frequentam, a maioria é formada por homens, com predomínio de jovens adultos. Nessa faixa etária, as mulheres são em menor número e quase sempre acompanhada de homens. Considerando as pessoas com mais de 50 anos, existe uma presença maior de mulheres, que frequentam as rodas sem a companhia masculina e permanecem reunidas em grupos. Considerando o comportamento e a distribuição dessas pessoas na roda de samba, identificamos três padrões de frequentadores:
- 30 • Mulheres a partir dos 50 anos, esposas dos músicos e grupos de homens ou casais jovens. Ficam próximos à roda de samba, cantando e aplaudindo. São os mais empolgados;
- 31 • Homens com idade a partir dos 40 anos que permanecem no interior do bar, acompanhando e comentando sobre os jogos de futebol;
- 32 • Jovens e adolescentes, em geral rapazes, que ficam dispersos e distantes da roda de samba. Em geral, este grupo está mais entretido com suas conversas do que com o samba.
- 33 Embora os integrantes do Pagode da 27 costumem levar seus filhos às rodas de samba, é bastante raro que hajam outras crianças presentes. Isso é alterado apenas em situações especiais, como na festa de dia das crianças.
- 34 Os frequentadores do samba começam a chegar ao local da roda por volta das 18 horas. Entre o início da roda e seu término, em torno das 22 horas, o número de pessoas que acompanha o samba aumenta significativamente. Inicialmente, cerca de 70 pessoas estão ao seu redor da roda de samba. Até o intervalo (às 20 horas), uma média de 100 pessoas estão presentes. E é justamente na passagem para a segunda parte que temos a maior concentração de espectadores, de tal forma que, no final da apresentação, o comum é termos entre 250 e 300 pessoas. Somam-se a esses frequentadores aqueles que não estão propriamente na roda de samba, mas dentro do bar. A cada domingo, em torno de 20

pessoas permanecem dentro do bar, acompanhando jogos de futebol em canais pagos a partir de uma televisão de plasma localizada no alto da parede.

- 35 A estrutura da roda de samba é regular, dividida em duas partes de tempos iguais. Na primeira, os integrantes do Pagode da 27 tocam sambas consagrados de artistas populares, como Beth Carvalho, Zeca Pagodinho ou Fundo de Quintal. Na segunda parte, são tocadas as composições próprias do Pagode da 27 e, eventualmente, de algum outro movimento de samba que esteja visitando a roda. Entre uma música e outra, algumas informações são passadas no microfone, como a divulgação da abertura de inscrição para programas sociais dos governos estadual e federal, a visita de alguém de destaque à roda de samba, ou eventuais apresentações do Pagode da 27 fora da quebrada.
- 36 Também constroem a quebrada a rede de comerciantes que gravitam em torno do Pagode da 27. A cada domingo, ao menos duas barracas vendem bebidas alcoólicas, refrigerantes, batata frita e outras guloseimas. Eventualmente, aparece uma terceira barraca, que vende cachorroquente e lanches. Além disso, o Careca contrata quatro funcionários para trabalharem exclusivamente aos domingos. Isso faz com que as rodas de samba do Pagode da 27 atuem como dinamizadoras da economia local, representando um incremento real de renda para as famílias diretamente envolvidas com essas atividades<sup>11</sup>.
- 37 Parte significativa de nossa presença em campo foi realizada na sede do Ceprocig, situado algumas ruas acima da rua Manoel Guilherme dos Reis. Trata-se de uma casa alugada e adaptada, com três construções distintas. A parte principal, com três salas e um banheiro, concentra as tarefas administrativas e pedagógicas da instituição. A segunda construção possui uma sala de informática e um outro banheiro. A terceira construção contém apenas a cozinha, onde são preparadas as refeições. Os trabalhos do Ceprocig têm início em 1998 e suas ações são fundamentadas em atividades no contra turno escolar para as crianças carentes do Parque Grajaú. Após alguns anos ocupando o salão da Igreja e a sede de outros movimentos sociais do Parque Grajaú, foi necessário encontrar um novo imóvel para continuar o trabalho desenvolvido com as crianças. É dessa forma que é alugada a atual sede da instituição. A data de mudança para a atual sede não foi precisada, mas pelas conversas com funcionárias e com as crianças, pudemos inferir que foi entre 2007 e 2008.
- 38 A locação desse novo imóvel é fundamental para que o Ceprocig se associe a uma ONG australiana, que oferece apoio financeiro a ações assistenciais em todo o mundo. Isso porque metade do aluguel da casa é paga por essa ONG australiana, e a outra metade por um vereador do município de São Paulo com base eleitoral no Parque Grajaú. Dentre as imposições colocadas pela ONG australiana para a liberação de recursos está a formação de uma rede com os diversos movimentos sociais atuantes em cada “comunidade”<sup>12</sup>. Forma-se, então, um grupo de articulação, reunindo diversos atores sociais do Parque Grajaú, dentre eles, o Ceprocig, o Pagode da 27, o grupo de mulheres e de jovens da Igreja Católica, o Conselho Tutelar, órgãos estatais (escolas e postos de saúde) e a Câmara dos Vereadores, representada pelo vereador do bairro.
- 39 Apesar da aparente organização do grupo de articulação, durante os meses em que realizamos nossas atividades em campo, não houve nenhuma reunião deste núcleo. Foram relatadas algumas dificuldades de reunir os diversos membros do grupo, além do fato de alguns deles efetivamente não existirem na prática, como o grupo de jovens, por exemplo. Entretanto, foi através desse grupo articulador que o Ceprocig conseguiu duas parcerias importantes: com a Unicef, que repassa determinada quantia financeira, e com a Fundação Bradesco, que doou 20 computadores e os recursos para conectá-los à Internet.

Esses computadores eram mantidos trancados em uma sala no fundo da instituição, aberta somente para que as crianças realizassem aulas de informática e representavam um dilema no interior do Ceprocig. Isso porque uma das exigências da Fundação Bradesco para a doação das máquinas era que elas pudessem ser usadas por pessoas da “comunidade”, o que significava abrir a sede para aqueles que quisessem usar os computadores. Por um lado, o Ceprocig não tinha uma quantidade de trabalhadores o suficiente para controlar o acesso de pessoas de fora da instituição e temia-se que isso pudesse causar algum risco para as crianças. Por outro lado, o não cumprimento da exigência poderia significar o fim da parceria e a retirada dos computadores.

- 40 O crime organizado é um ator forte e presente no cotidiano da quebrada, e representa um interlocutor necessário para o desenvolvimento de qualquer ação local. As pichações e os grafites nas ruas e vielas da quebrada e as falas das pessoas com quem estivemos mais próximas não deixam dúvidas sobre a vinculação das biqueiras do Parque Grajaú com o PCC<sup>13</sup>, que tem atuado ativamente nas periferias de São Paulo nas décadas de 1990 e 2000. Oscilando entre o controle político territorial e o assistencialismo, o PCC prove bens e serviços básicos a algumas famílias das periferias, especialmente aquelas que possuem parentes vinculados à organização. Nesse contexto político, as atividades do Ceprocig e as rodas de samba do Pagode da 27, não poderiam ocorrer sem o consentimento do crime organizado.
- 41 Um dos discursos mais fortes do Pagode da 27 é de oferecer a perspectiva de um caminho alternativo ao crime organizado para as crianças e os adolescentes do bairro, evitando que eles sejam cooptados em uma área dominada pelo PCC. A aparente contradição entre as demandas do poder hegemônico local e a proposta política e social do Pagode da 27 foi questionada em *off* numa entrevista que realizamos. Após a finalização da entrevista, com o microfone desligado, tivemos a oportunidade de questioná-los sobre esse assunto, abordando também que tipo de relações foram estabelecidas para que as rodas de samba pudesse acontecer semanalmente sem transtornos. De acordo com a resposta dada, quando o Pagode da 27 iniciou formalmente suas atividades, houve uma conversa com traficantes locais para garantir que as rodas de samba aconteceriam sem qualquer problema. Nos foi apresentado o argumento de que as pessoas envolvidas com o crime organizado também acabam sendo beneficiadas pelas ações do Pagode da 27 e do Ceprocig, visto que as famílias dos próprios traficantes eram assistidas pelos trabalhos sociais desenvolvidos – fosse a distribuição de cesta básica, ou o atendimento às crianças no Ceprocig, como de fato podemos verificar em nossas atividades em campo.
- 42 Ainda sobre a relação entre o PCC e a quebrada, também nos foi relatado na entrevista o empenho dos traficantes locais em zelar pelas ações sociais e culturais realizadas, justificadas pelo fato de que todas aquelas pessoas envolvidas se conhecem há muito tempo e, em alguns casos, foram criadas juntas. Nos foi dito que o Pagode da 27 costuma fazer suas reuniões fechadas na sede do Ceprocig e, em uma noite, estavam na porta da instituição, tentando abri-la para poderem usar o espaço da sede. Eles estavam com todas as chaves, mas um dos cadeados estava empenado. Passados alguns minutos de tentativa, eles foram abordados de forma agressiva por quatro homens armados, que estavam em duas motos. Depois que todos se reconheceram, os homens armados – que são traficantes na quebrada – disseram que tinham recebido a notícia de que ladrões estavam tentando invadir o Ceprocig. Desfeita a confusão, eles conseguiram abrir o portão da instituição e fazer a reunião.

- 43 A relação estabelecida entre o Pagode da 27 e o crime organizado é marcada pelo respeito aparente e pelo distanciamento, sem que hajam confrontos ou parcerias explícitas no cotidiano do grupo de samba. Uma pessoa cuja acesso à quebrada dê-se unicamente através das rodas de samba do Pagode da 27, dificilmente perceberia a existência do crime organizado. A festa, realizada à noite, camufla as regras de conduta entre os diferentes atores políticos, que se tornaram visíveis apenas em nosso trabalho diurno no Ceprocig.
- 44 De forma menos direta, o crime organizado também estabelece seus vínculos com o Ceprocig. O grupo de articulação, imposição da ONG australiana que reuniu os diversos atores e movimentos sociais do Parque Grajaú, incluiu também líderes comunitários, cuja relação com o PCC não é explicitamente aberta, mas é fortemente acusada dentro da quebrada. Assim, ninguém se apresenta como membro do PCC ou representante do crime organizado, mas as pessoas da quebrada sabem quem são e o que fazem. Dessa forma, situações que exigem um esforço conjunto maior, como uma festa de dia das crianças ou a comemoração de Natal, acaba reunindo atores como o Pagode da 27, o Ceprocig e o líder comunitário vinculado ao PCC numa organização coletiva, de forma a conseguirem maior quantidade de alimentos e bebidas para a festa; brinquedos para distribuição entre as crianças; e estruturas físicas, como som, luz, e o aluguel de banheiros químicos e de brinquedos coletivos.
- 45 Ainda que a organização desse tipo de eventos seja coletiva, sua construção é marcada por tensões e disputas. Por serem festas com um número grande de frequentadores anônimos da própria quebrada, elas cumprem uma função de publicidade dos atores envolvidos na organização do evento e, por consequência, de suas práticas cotidianas. Além disso, muitas pessoas de fora da quebrada participam dessas festas, incluindo representantes das entidades assistenciais atuantes, como a ONG australiana e a Unicef, e membros do legislativo paulistano. Isso faz com que haja uma competição velada, que em alguns momentos torna-se latente, para ver quem consegue angariar a maior quantidade de doações e qual será o ator social mais destacado pela organização da festa. Esses grandes eventos coletivos são importantes para compreendermos a dinâmica e o vínculo entre esses diferentes atores sociais, clarificando parcerias e oposições. Entretanto, tratam-se de situações esporádicas.
- 46 A análise do cotidiano permite identificarmos regras que norteiam a sociabilidade das pessoas e dos atores sociais da quebrada, em seus diferentes círculos de atuação. Nas rodas de samba do Pagode da 27 tem-se uma regularidade nos comportamentos e nas formas de relações sociais aceitas. As duas partes que compõem a estrutura da roda de samba são marcadas por comportamentos distintos do público. Na primeira parte, as poucas pessoas próximas à roda permanecem entretidas em suas conversas particulares, sem haver uma forte interação entre os espectadores e o grupo de samba. A situação muda na segunda parte, quando já existe um maior número de frequentadores presentes e começam a ser tocadas as composições próprias do Pagode da 27. As pessoas ficam entusiasmadas com a música, cantando em coral. Algumas músicas possuem seus refrões coreografados ou brincadeiras preestabelecidas e semanalmente repetidas entre o Pagode da 27 e seus espectadores. Dessa maneira, é no momento em que são tocadas as músicas criadas no Parque Grajaú em que temos uma participação mais intensa dos participantes, ao passo que nos momentos em que tocam grandes sucessos do samba nacional, a música parece servir apenas como trilha sonora para conversas paralelas.
- 47 O conjunto de comportamentos aceitos nas rodas de samba estão encaixados em normas morais socialmente difundidas. Trata-se de um ambiente familiar, frequentado por

mulheres acompanhadas e homens geralmente casados. Não existe uma situação propícia para flertes e paqueras, de forma que essas situações são tidas com estranhamento e desconfiança dentro da roda de samba. Apenas uma vez vimos um grupo de mulheres jovens e sem o acompanhamento masculino. Eram jovens de fora da quebrada, levadas à roda de samba por um de seus frequentadores. O impacto da presença delas naquele ambiente foi forte, gerando hostilidade entre as demais mulheres e um certo *frisson* entre os homens. Além disso, excessos alcoólicos e o consumo de drogas ilícitas não são tolerados. Novamente, apenas uma vez vivenciamos uma situação de consumo de entorpecente ilícito na roda de samba, quando um grupo de adolescentes que acompanhava a roda de samba ascendeu um cigarro de maconha. Imediatamente, integrantes do Pagode da 27 se mobilizaram para que ele fosse apagado. A seguir, foi dado um recado no microfone de que o Pagode da 27 respeitava a todos, mas que aquele ambiente era familiar e que aquela prática não era admitida ali. Os frequentadores aplaudiram a fala e o cigarro foi rapidamente apagado.

- 48 A visita de outros movimentos de samba às rodas do Pagode da 27 é frequente. Na segunda parte da roda de samba, eles participam da roda de samba e, eventualmente, são tocadas composições próprias dos grupos visitantes. Sua recepção pelos frequentadores é educada, mas ao contrário das músicas locais, suas apresentações não provocam grande entusiasmo. O clima aparente é mais próximo da indiferença do que da hostilidade, os aplausos são menos intensos e a interação com o público é inferior do que a que ocorre com o Pagode da 27. Algumas vezes foi necessário que alguém do Pagode da 27 pedisse para que suas visitas fossem aplaudidas.
- 49 A relação do Pagode da 27 com a quebrada é marcada pela forte identificação entre o grupo de samba e os frequentadores das rodas. Tal qual as escolas de samba, os movimentos de samba também possuem elementos de identificação: um emblema, cores vinculadas e um lema. A semelhança com as escolas de samba é clara para os integrantes do Pagode da 27, e eles mesmos afirmaram que os espectadores das rodas de samba se identificam com ela tal qual ocorre em escolas de samba. A própria existência de um nome que os identifica fortalece a criação de laços identitários em torno do grupo. Assim, em nossas atividades em campo, os frequentadores mais assíduos das rodas de samba estão geralmente vestidos com camisetas do Pagode da 27, cujo significado indica o pertencimento àquela quebrada, ou, nas palavras deles, daquela comunidade.

## A dimensão existencial do pedaço

- 50 O pertencimento à quebrada do Pagode da 27 dá-se pelo compartilhamento de um conjunto de referências simbólicas, cuja base existencial está fundamentada em uma série de experiências similares com o meio e com seus conteúdos sociais. Esses vínculos identitários são nutridos no cotidiano dos indivíduos graças ao distanciamento mental, que, em uma metrópole como São Paulo, não é apenas uma possibilidade da cidade, mas sobretudo uma condição de sobrevivência, para que o humano não seja solapado pela grande quantidade de informações e de estímulos.
- 51 Considerando nossas especificidades urbanas, a sociabilidade a qual cada um tem acesso é também definida por uma série de filtros sociais, que serão co-determinantes na maneira como cada indivíduo será inserido na totalidade de relações sociais. Em São Paulo, ser da periferia tem implicações existenciais sobre o sujeito que, em um contexto pós-moderno, assume uma forma que combina estigma e orgulho. É preciso também lidarmos com o fato

de que nem todos os moradores do entorno da rua Manoel Guilherme dos Reis pertencem à quebrada. Ainda que o meio sobre o qual residam seja o mesmo e que as relações estabelecidas fora do Parque Grajaú sejam também marcadas pelo estigma da marginalidade, cada indivíduo é uma particularidade. Os processos de subjetivação de cada um dependerão do conjunto de suas experiências individuais, que incluem elementos cuja amplitude impedem uma análise perfeitamente encadeadas e atingem o nível do imponderável, como a igreja a qual frequentaram, as relações familiares em que estiveram imersos ou a escola que estudaram.

- 52 A objetividade da vida social é determinada por ordens em diferentes escalas, e a conformação da subjetividade depende de como cada indivíduo “filtra” essas diferentes ordens. A tensão entre a fragmentação e a homogeneização, tida enquanto algo positivo da vida contemporânea, também contribui para compreendermos a formação da quebrada do Pagode da 27 sob uma perspectiva existencial. O cotidiano dos diversos atores sociais da quebrada é marcado por modos de vida massificados, triviais e semelhantes aos da maior parte dos moradores de São Paulo. Mas a metrópole permite que o indivíduo escolha com quem terá vínculos privilegiados e quais serão os seus círculos de afinidade, conferindo-lhe um caráter de responsável sobre parte de seu próprio processo de subjetivação.
- 53 Quando conversávamos com integrantes do Pagode da 27 ou do Ceprocig sobre suas vidas fora de seus respectivos pedaços, especialmente sobre seus locais de trabalho, as respostas eram conduzidas pela ideia de que aquela atividade apenas garantia seu sustento e que era no pedaço que estava o sentido para suas vidas, a força para superar as dificuldades do cotidiano e continuar seguindo alguns preceitos moralmente aceitos. Era comum a resposta de que realizavam seus trabalhos externos com o pensamento em suas ações locais, evidenciando o distanciamento mental, e o desençaixe entre as representações simbólicas e a produção da própria sobrevivência. O Pagode da 27 não cumpre uma função única de lazer para seus integrantes, mas representa um sentido da própria existência. A importância do Pagode da 27 na vida de seus membros fica clara a partir das respostas que obtivemos de diferentes integrantes:

“Tenho minha família, tenho minha mãe, tenho meu pai, tudo. Mas o Pagode da 27 é minha família. Hoje eu sou feliz. E olha que eu não era infeliz, sempre fui feliz. Sabe, ter um compromisso. Eu tenho a obrigação de falar da 27. Eu tenho a obrigação de fazer alguma coisa pela 27. Eu tenho obrigação. Então assim, a 27 pra mim... se alguém chegar no domingo “pô, acho que não tem Pagode da 27 hoje”, acho que eu fico doente.”

“Não é só musical, o Pagode em si, entendeu? É os amigos, a gente ali, entendeu. Um respeito, sabe.”

“Assim, no meu caso, eu vou resumir numa palavra: “transformação”. A partir do momento em que eu comecei a fazer uma coisa com o intuito de tá melhorando a vida Do Outro, eu melhorei internamente. Então, assim, me transformei.”

“Pra mim é uma válvula de escape, né. Eu sou suspeito em falar porque eu, do pessoal aqui, eu sou, tipo, morador da 27, eu vi a rua, tipo, já me trouxe alegria, já me trouxe tristeza... Eu vi a rua sendo asfaltada, eu vi na época que era de barro, tal, cresci praticamente aqui, né. Então, já saí daqui, voltei pra cá, e pra mim, eu sou totalmente suspeito em falar, porque é um prazer pra gente. A gente faz tudo pelo prazer, né. Tomara que futuramente gere e dê pra gente até sobreviver disso, sem precisar de ter que trabalhar, ter alguma outra coisa, algum outro afazer paralelo, mas se não, é tudo por prazer. A gente faz porque a gente gosta, a gente se sente satisfeito, a gente quer ver a mudança, a gente já viu uma mudança, sabe que pode

melhorar mais ainda. Então a gente tá aonde houver a possibilidade e tiver a oportunidade, a gente vai cutucar e vai levar o nome da 27...”

## As tensões entre a quebrada e os pedaços

- 54 O uso das categorias de pedaço e de quebrada para pensar o Pagode da 27 e o Ceprocig nos permite apontar suas diferentes dimensões existenciais. As ações das trabalhadoras do Ceprocig, tanto em seu pedaço, quanto na quebrada, tentam superar a impotência diante do sofrimento alheio posto pela Modernidade e que se mantém na pós-modernidade. Já para o Pagode da 27, o pedaço é o local em que seus integrantes conseguem projetar-se sobre o mundo através da arte. Na quebrada, tal como no circuito de movimentos de samba, ocorre o pertencimento a uma esfera maior de ações, que destaca o indivíduo de uma sociedade abstrata. Em comum, Pagode da 27 e Ceprocig, em suas relações com o pedaço e com a quebrada, compartilham do fato de que os vínculos no pedaço são mais afetivos e solidários, ao passo que na quebrada, as relações sociais são marcadas por acordos políticos com maior impessoalidade, ainda que exista colaboração e identidade.
- 55 Com o fim das grandes narrativas, que abarcavam todos os indivíduos em uma única identidade, com destaque para a nação, houve a valorização dos pequenos grupos, nos quais o consumo representa uma via para o pertencimento. Os frequentadores do Pagode da 27 são inseridos na quebrada não apenas por participarem das rodas de samba, mas por consumirem determinadas práticas simbólicas que diferenciam qualitativamente as rodas de samba do Pagode da 27 das demais opções de lazer ofertadas na cidade. Esse consumo tem uma face material, com a compra de *souvenirs* vendidos nas rodas de samba do Pagode da 27, que não se justifica por qualquer necessidade material daqueles objetos ou pelo fato desse comércio ser uma fonte de financiamento significativa para o grupo de sambistas. Ele está fundamentado no valor simbólico dessas mercadorias, que permite às pessoas carregarem o seu pertencimento à quebrada através de camisetas, chaveiros e canecas, que estabelecem um lastro entre o cotidiano individual e um encontro artístico semanal. Mas o consumo como caminho para o pertencimento não se limita ao comércio, mas também é definido pelas relações firmadas entre os atores sociais. Os frequentadores do Pagode da 27 vão até suas rodas de samba para assistirem suas apresentações, não participando de sua construção. São, assim, espectadores, colocando-se na posição de consumidores de uma manifestação artística. Embora não haja a cobrança para assistir as rodas de samba, ir ao Pagode da 27 significa também consumir a sua imagem e com isso tornar-se Pagode da 27.
- 56 A articulação da quebrada a partir dos atores sociais que destacamos em nossa análise ocorre por uma combinação entre a colaboração e a tensão, ambas potencializadas com o recente destaque midiático oferecido ao Pagode da 27. As novas parcerias conseguidas pelo Ceprocig e o sucesso do Pagode da 27 são estimulados uns pelos outros, gerando visibilidade para o conjunto das ações desenvolvidas na quebrada. Tanto a ONG australiana, quanto a Unicef, não estão vinculadas unicamente com o Ceprocig, mas com o grupo de articulação como um todo, o que inclui o Pagode da 27. Igualmente, o Pagode da 27 quando divulga suas práticas comunitárias, abarca em seus discursos os trabalhos realizados no Ceprocig. Existe uma parceria bem sucedida entre os atores sociais para colocar a quebrada em evidência, assumindo novos compromissos e alterando a forma anterior de relação. Acreditamos que durante o período que estivemos em campo, vivenciamos uma transição entre uma relação dos atores sociais baseada em ideais e em

afetividades para uma relação baseada em formalidades, aproximando-se de uma carga corporativa.

- 57 A quebrada é marcada por uma dinâmica complexa que abarca os objetivos específicos de cada ator social e também os interesses próprios dos diferentes agentes financiadores (fundações privadas, ONGs e entidades internacionais). Pela natureza de seu trabalho, o Ceprocig é mais suscetível aos atores exógenos, cuja relação conformava-se em uma subordinação financeira. As expectativas corporativas dos agentes financiadores impunham uma série de compromissos ao Ceprocig e às suas crianças, de forma que as atividades pedagógicas e o cronograma da instituição acabavam sendo sujeitados a essas ordens<sup>14</sup>.
- 58 Entre o Ceprocig e o Pagode da 27 existe o reconhecimento mútuo da importância que ambos tiveram para a construção e o reconhecimento social da quebrada. Ao mesmo tempo, eventualmente ocorre o choque entre interesses específicos de cada um dos atores, gerando uma situação de distanciamento e de disputa. Ambos os fenômenos estão vinculados, de forma que as falas colhidas em campo apontavam para um estranhamento entre aquelas pessoas, que ao não se reconhecerem como antes, acabavam focando suas ações no próprio pedaço, em detrimento da quebrada. A inédita abundância de recursos financeiros e de visibilidade à quebrada em um contexto de transformação dos vínculos podem fazer com que as ações sejam compreendidas como sendo mais competitivas do que colaborativas.

---

## BIBLIOGRAPHY

- ABBAGNANO, N. História da Filosofia. Vol. XIV. Tradução: Conceição Jardim; Eduardo Lucio Nogueira; Nuno Valadas. Lisboa: Editorial Presença, 1970. Cap. XV: O Existencialismo (mimeo).
- BENJAMIN, W. Paris, Capital do Século XIX. In: Kothe, F. (org.). Walter Benjamin, São Paulo: Ática, 1985 [1955].
- BERMAN, M. Tudo Que É Sólido Desmancha no Ar. A Aventura da Modernidade. Tradução: Carlos F. Moisés e Ana M. L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986 [1982].
- DIAS, C.C.N. Consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista e a nova configuração do poder. In: I SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA & POLÍTICA UFPR 2009, Curitiba. Anais eletrônicos. Disponível em <http://www.humanas.ufpr.br/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT4/EixoII/consolidacao-comando-CamilaCaldeiraDias.pdf> (acesso: 20/11/2010)
- DOZENA, A. Os Movimentos de Samba na Cidade de São Paulo: espaços de resistência e de esperança. In: XIII Seminário APEC – Asociación de Investigadores y Estudiantes Brasileños em Cataluña, 2008, Barcelona. Actas del XIII Apec. Barcelona: APEC, 2008, v. 1, p. 19-28.
- GARCÍA-CANCLINI, N. Consumidores e Cidadãos. Conflitos Multiculturais da Globalização. 4ª edição. Editora UFRJ: Rio de Janeiro, 2001.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1989.

- GILES, T. R. Jean-Paul Sartre. In: História do Existencialismo e da Fenomenologia. Vol. II. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, EDUSP (mimeo).
- HARVEY, D. A Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 1992.
- JAMENSON, F. Pós-Modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio. Tradução: Maria Elisa Cevasco. Revisão da Tradução: Iná Camargo Costa. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- KAECKE, J. M. Identidade e Institucionalização do Samba nas Periferias Paulistanas. Estudo de Caso Sobre o Pagode da 27 (Grajaú – São Paulo – SP). Trabalho de Graduação Individual. Universidade de São Paulo, 2011.
- LE CORBUSIER. A Carta de Atenas. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MAGNANI, J. G. C. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17. Nº 49, junho/2002, p. 11-29.
- MAGNANI, J. G. C. Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MINGARDI, G. O trabalho de Inteligência no controle do Crime Organizado. Estudos Avançados 21 (61), 2007, p. 51-69.
- MARCELINO, M. M. Uma Leitura do Samba Rural ao Samba Urbano na Cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado). FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2007
- MARTINS, E. R. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. In: GEOUSP – Espaço e Tempo. São Paulo, No. 21, 2007, p. 33-51.
- SIMMEL, G. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. In: Maná 11(22), 2005 [1903], p. 577-591.
- TELLES, V.S., HIRATA, D.V. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. Estudos Avançados 21 (61), 2007, p. 173-191
- YÚDICE, G. Puede hablarse de postmodernidad en America Latina? Reviewed work(s):Source: Revista de Crítica Literaria Latinoamericana, Año 15, No. 29, Actas del Simposio: "Latinoamerica: Nuevas Direcciones en Teoria y Critica Literarias" (Dartmouth, abril de 1988) (1989), p. 105-128. Published by: Centro de Estudios Literarios "Antonio Cornejo Polar" – CELACP. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4530422> (acesso: 21/11/2011).
- WEBER, Max. A Dominação Não-Legítima (Tipologia das Cidades). In: Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Volume 2. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- WEBER, Max. Conceito e Categorias da Cidade. Tradução de Antônio Carlos Pinto Peixoto. In: Velho, O. G. (org.). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar (4ª ed.), 1979, p. 68-89.
- ZUKIN, S. Paisagens Urbanas Pós-Modernas: Mapeando Cultura e Poder. In: Arantes, A. A. (org.). O Espaço da Diferença. Campinas: Papyrus, 2000, p. 80-103.

## NOTES

1. Ao falarmos de periferia, estamos nos referindo à noção de condição periférica, definida pela distância e pela posição hierárquica desfavorável em relação ao centro hegemônico. Essa distância é fundamentalmente relacional, e não geométrica ou cartográfica. Nessa perspectiva, pontos localizados nos centros das cidades podem ser considerados como periféricos, tendo em vista a forma como se inserem na dinâmica analisada. Sobre o assunto, ver: DOMINGUES, Á.

(Sub)úrbio e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos. In: Revista da Faculdade de Letras – Geografia. I série, Vol. X/XI, Porto, 1994/5, p. 5-18.

2. O geógrafo Alessandro Dozena, que consta em nossa bibliografia, tem uma vasta bibliografia escrita sobre os movimentos de samba em São Paulo, inclusive uma tese de doutorado defendida na FFLCH-USP no ano de 2009.

3. Informação retirada de <http://www.agendadaperiferia.org.br/samba.html> (Acesso: 06/10/2013)

4. O Pagode da 27 está localizado no bairro Parque Grajaú, que, por sua vez, está inserido no distrito do Grajaú. Os bairros não são divisões oficiais da cidade, mas são referências territoriais importantes na vida de seus moradores. Nesse artigo, ao falarmos de “Grajaú”, estamos nos referindo ao distrito do Grajaú.

5. José G. C. Magnani (2002) apresenta e discute essas diferentes categorias para pensar o cotidiano e a experiência.

6. Para David Harvey (1992), a pós-modernidade é uma negação da Modernidade, ao passo que Fredric Jamenson (1996) afirma que se trata de um aprofundamento de suas características.

7. Sobre os códigos que organizam os movimentos de samba em São Paulo, ver: DOZENA, A. Os Movimentos de Samba na Cidade de São Paulo: espaços de resistência e de esperança. In: XIII Seminário APEC – Asociación de Investigadores y Estudiantes Brasileños en Cataluña, 2008, Barcelona. Actas del XIII Apec. Barcelona: APEC, 2008, v. 1, p. 19-28.

8. O Pagode da 27 é apadrinhado pelo Samba da Vela, um dos primeiros movimentos de samba de São Paulo e que toca em Santo Amaro. Por sua vez, o Pagode da 27 é padrinho do Samba da Ladeira, da cidade de Jundiaí.

9. São diversos os dados oficiais que confirmam tal afirmação. Sobre a evolução demográfica, ver dados em [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico\\_demografico/tabelas/pop\\_dist.php](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_dist.php) (acesso: 06/10/2013). Sobre equipamentos culturais, cartografia em [http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/cultura\\_territorio/pdf/pag21.pdf](http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/cultura_territorio/pdf/pag21.pdf) (acesso: 06/10/2013)

10. De acordo com os microdados do IBGE (2000), dentre os moradores do Parque Grajaú que possuem rendimentos, temos que: quase 30% deles recebem menos de dois salários mínimos mensais; cerca de 25% recebem acima de cinco salários mínimos mensais. Entre os extremos, 45% dos moradores com rendimento recebem entre dois e cinco salários mínimos mensais.

11. Em 2010, cada funcionário do bar do Careca contratado exclusivamente para os domingos recebia 50 reais por dia de trabalho, o que corresponderia a 200 reais mensais. Nas barracas, atingia-se até 100 reais de lucro a cada domingo.

12. Ainda que o termo “comunidade” não seja adequado para tratar das atuais condições de vida e de sociabilidade das periferias paulistanas, era esta palavra que designava o conjunto de movimentos sociais próximos e que formavam a rede exigida pela ONG australiana.

13. Um dos indícios desse domínio territorial está marcado na paisagem da quebrada. Diversas de suas ruas, escadões e vielas estão marcadas com o símbolo do PCC (o Yin e Yang), de forma que é impossível circular pela quebrada sem perceber que estamos em uma área controlada pelo grupo criminoso. Além disso, o PCC era frequentemente mencionado pelas crianças do Ceprocig, muitas vezes como um *status* que desejavam atingir.

14. Ainda que a ONG australiana exigisse um programa pedagógico para o Ceprocig, suas próprias demandas acabavam por torná-lo impraticável. Uma série de imprevistos eram impostos pela ONG e pela Unicef, como uma apresentação de um coral infantil em um evento com representantes internacionais ou a confecção de caixas de presentes pelas crianças, que serviriam como *souvenirs* para visitantes da Unicef ao Brasil.

---

## ABSTRACTS

O presente artigo trata do Pagode da 27, um movimento de samba que surge no Grajaú, bairro da periferia do município de São Paulo. A proposta é compreender as relações de tensão e de cooperação entre o Pagode da 27 e os demais atores sociais que também atuam no bairro, com destaque para uma ONG que atende crianças carentes do bairro e o crime organizado local. Isso é feito através de uma abordagem que prioriza as condições de sobrevivência e de existência do sujeito na grande cidade contemporânea, marcada pelo binômio da massificação e da fragmentação. Os vínculos locais e comunitários possuem uma função do sentimento de pertencimento e na satisfação existencial de seus membros, o que não significa uma vida social ausente de conflitos e de disputas.

This article deals with Pagode da 27, a *samba* movement that occurs in Grajaú, peripheral neighborhood of São Paulo. The ideal is to understand the tensions and cooperations relations of the *samba* and the other actors that also occurs in neighborhood, with special attention to the NGO that helps the poor kids of the area and organized crime. We aproch this subject by the survivel and the existence factors of the actors in nowadays city, that undestood by the binomious massification and fragmentation. Inside this aproch, the local and community bounds have a place of in the belong and in the satisfaction of the local actors, which doesn't mean the absence of conflicts and quarrels.

## INDEX

**Keywords:** samba, peripheral neighborhood, social movement

**Palavras-chave:** periferia, movimento social

## AUTHOR

JANAÍNA DE MORAES KAECKE

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP). E-mail : janaina.mk@gmail.com